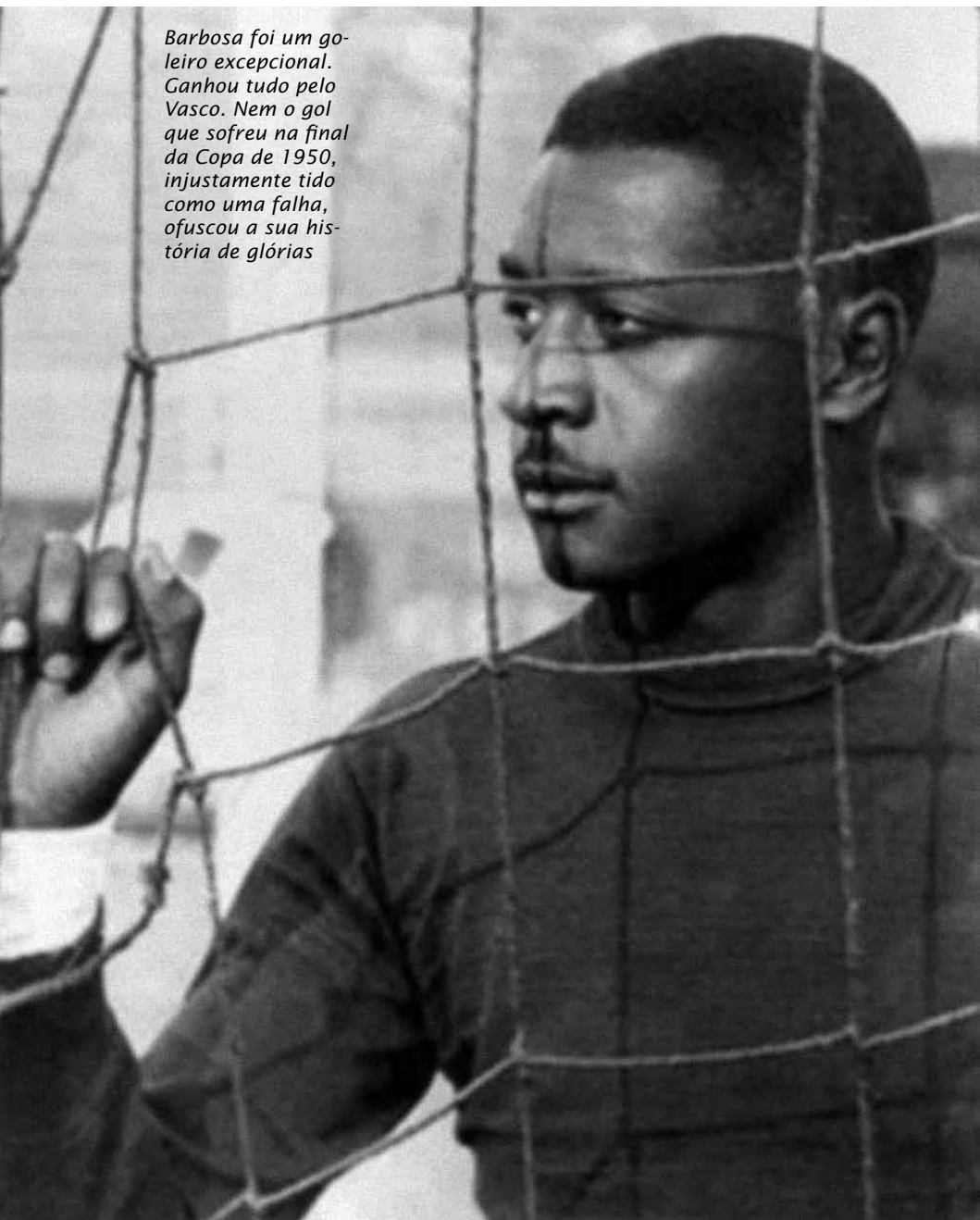


BARBOSA

Barbosa foi um goleiro excepcional. Ganhou tudo pelo Vasco. Nem o gol que sofreu na final da Copa de 1950, injustamente tido como uma falha, ofuscou a sua história de glórias



“Era um goleiro magistral. O gol de Gigghia caiu-lhe como uma maldição. E quanto mais vejo o lance, mais o absolvo.”
Armando Nogueira

Símbolo da história do Vasco

Era difícil não olhar para aquele senhor negro, alto, mas um tanto curvado pelo peso da idade que entrava acompanhado pela filha adotiva, Tereza, no restaurante Adegão Português, tradicional reduto vascaíno do bairro de São Cristóvão. Era o mês de agosto de 1998 e, a convite do jornal *O Globo*, que o trouxera de sua casa, em Praia Grande, São Paulo, ele viera para participar de um almoço comemorativo do centenário do Vasco, que iria ocorrer em poucos dias, a 21 de agosto daquele ano. Humilde, simples e muito cordial, Moacyr Barbosa Nascimento parecia não ter noção de que, no encontro com Vavá, Brito, Alcir e Roberto Dinamite, todos residentes no Rio, ele era o convidado especial.

Entre os cinco, que naquela tarde almoçaram e cortaram um bolo de aniversário com a bandeira do clube e as velinhas formando o número 100, Barbosa, à época com 77 anos, era o mais velho dentre os que participavam do almoço: os craques, quatro jornalistas e a filha (do coração) do próprio ex-goleiro. Muito bem-humorado, o ex-goleiro da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950 não se intimidou em pedir uma pinga com limão espremido, sem açúcar e com uma pitada de Underberg.

“Vim, porque gosto muito do Vasco”, afirmava ele, que raramente saía de casa, a não ser para algumas palestras a turmas de estudantes.

Nos anos 1990, o Vasco estava bem, colecionando títulos, e a 26 de agosto de 1998, semanas depois daquele almoço, conquistaria a Libertadores da América.

“Não dá para comparar. O Expresso da Vitória (dos anos 1940 e 1950 e do qual Barbosa fora o goleiro) era melhor, e o Expressinho (reservas do Expresso), também era superior”, garantia Barbosa.

Como a maioria dos aposentados brasileiros, quase sempre vivendo em dificuldades, ele lamentava porque, como não havia feito seu recadastramento a tempo, dependia mesmo da ajuda dos amigos para viver, embora tivesse trabalhado na Suderj (que administra o Maracanã), pela qual se aposentou. Barbosa havia ficado viúvo havia cerca de um ano, quando perdeu sua Clotilde, devido a um câncer na medula.

Como o apartamento foi vendido, ele teve de morar de favor em casa de amigos. No almoço, revelara que um dirigente vascaíno havia lhe prometido um dinheiro para comprar um apartamento próprio, em Praia Grande. Recebia apenas 86 reais de aposentadoria, o que o levava a fazer bicos numa banca de jornal perto de casa e a almoçar de graça num restaurante próximo. Nos anos 1970, ele não apenas trabalhara como secretário da Fundação de Garantia ao Atleta Profissional, a Fugap, no Rio, como também na administração do Parque Aquático Júlio Delamare, no Complexo Esportivo do Maracanã.

No almoço de confraternização, Barbosa, chamado de Titio e reverenciado pelos outros convivas, foi alvo de várias piadas de Vavá, que jogara com ele pelo time de São Januário em meados dos anos 1950, quando Barbosa já estava mais próximo de encerrar a carreira e o atacante, bicampeão mundial de 1958 e 1962, era um novato. Vavá chegou a brincar: “Barbosa, você com 77 já passou da garantia! Você já viu a lista de jogadores da nossa época que foram embora? Vamos rezar para não convocarem a gente...”

Sem perder o humor, o ex-goleiro respondeu: “Eles não precisam de mim. Lá em cima, já estão o Castilho, o Veludo (goleiros contemporâneos dele). Eu fico na reserva nesse time.”

Nascido em Campinas a 21 de março de 1921, Barbosa só seria convocado para a seleção celestial em 7 de abril de 2000, com 79 anos, tendo falecido em Praia Grande, São Paulo.

O fenômeno Barbosa. Acostumados a craques de DVD e a promessas que são elevadas à categoria de astro graças a jogadas de marketing, jovens torcedores pouco conhecem os ídolos que viveram nos anos 1940 e 1950, época em que não havia TV e muito menos internet. Mas quem viu conta, e a imprensa da época registra que Barbosa, com 42 participações em seleções brasileiras, foi o maior goleiro da história vascaína e um dos maiores da história do futebol brasileiro.

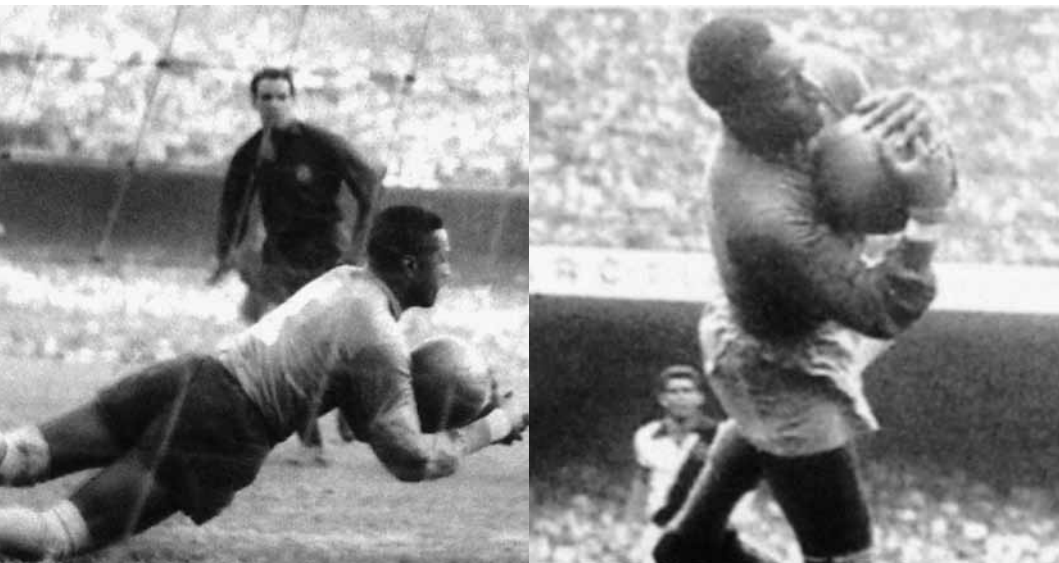
Talvez fosse reconhecido até como o maior do Brasil, não fosse o infeliz 16 de julho de 1950, quando o Uruguai derrotou o Brasil por 2 a 1 na final da Copa de 50, em pleno Maracanã. O gol da vitória foi marcado por Giggia, que fingiu que iria cruzar, mas chutou direto para as redes. Negro, numa época em que ainda havia um resquício de racismo e de elitização do futebol, Barbosa foi pego como bode expiatório da derrota brasileira.

“A pena máxima por qualquer crime, no Brasil, é de trinta anos. Mas eu sou considerado culpado daquela derrota há mais de quarenta anos”, dizia ele.

O drama enfrentado pelo goleiro, pela seleção e pelo país naquele distante 1950 foi e é até hoje tema de livros e filmes, como o curta-metragem *Barbosa*, rodado em 1988, no qual um jornalista, papel desempenhado pelo astro Antônio Fagundes, viaja no tempo e tenta avisá-lo sobre o chute de Giggia.

“Fiquei obcecado por aquela imagem, a bola no fundo da rede. Com o tempo, tudo passou, mas aquele gol foi a maneira que encontrei para entrar na História do Brasil”, disse Barbosa na ocasião das filmagens.

Em 2000, o jornalista Roberto Muijlaert lançou o livro *Barbosa, um gol faz 50 anos*. De acordo com o livro, em 1963, as traves de madeira usadas na Copa de 1950 foram entregues ao goleiro, que as



Agilidade, segurança e elasticidade eram características de Barbosa. Foi a síntese do grande goleiro, um herói vascaíno. Jamais será esquecido

queimou num churrasco em sua casa, na época em que morava no bairro carioca de Ramos.

Embora o goleiro tenha sido acusado por várias vezes de ter feito o país chorar, como se fora o único responsável pelo insucesso, vale lembrar que, na véspera da final, houve um oba-oba com comemoração antecipada por parte de políticos. Um jornal da época publicou antecipadamente um pôster da seleção brasileira com o título “Os campeões do mundo”.

De acordo com o jornalista Armando Nogueira, falecido em 2010, que assistira àquela final, o goleiro era mesmo um injustiçado:

“Certamente, a criatura mais injustiçada na história do futebol brasileiro. Era um goleiro magistral. Fazia milagres, desviando de mão trocada bolas envenenadas. O gol de Gigghia, na final da Copa de 50, caiu-lhe como uma maldição. E quanto mais vejo o lance, mais o absolvo. Aquele jogo o Brasil perdeu na véspera.”

Decepções à parte, Barbosa foi um goleiro seguro, elástico, corajoso, capaz de se atirar aos pés de qualquer atacante e bom pegador de pênaltis. Outra característica de suas atuações – conforme observou Armando Nogueira – era a defesa de mão trocada, que, segundo alguns, teria sido criação dele. Assim, quando uma bola era chutada no ângulo esquerdo, por exemplo, ele praticava a defesa com a mão direita, porque dessa forma seu punho podia oferecer resistência e mudar a direção da bola. Ele percebera que se tentasse defender com a esquerda uma bola em seu ângulo esquerdo, no alto, a mão “do mesmo lado” não teria forças para fazer a defesa. Por tudo isso, era um craque em sua posição, a ponto de ter como admirador o presidente Getúlio Vargas.

Curiosamente, ele começara a carreira como ponta-esquerda no extinto Comercial, de São Paulo, em 1940. Entretanto, já como goleiro, foi para o Ypiranga, de São Paulo, onde permaneceu de 1942 a 1944. Graças às boas atuações, foi contratado em 1945 pelo Vasco. O titular à época era Rodrigues, e Barbosa só se tornaria titular em 1946, permanecendo debaixo das traves vascaínas até 1955. Depois de passagens por Santa Cruz e Bonsucesso, retornou ao Vasco em 1958, ali permanecendo até 1960. Em 1962, se despediu dos campos, no Campo Grande. Na seleção, foi o goleiro entre 1949 e 1953, tendo ajudado a levantar o Sul-Americano de 1949, em São Januário.

A glória no Sul-Americano. A maior conquista do clube no período, talvez até em toda sua história, também se deve-se muito às intervenções de Barbosa: o troféu de campeão dos campeonatos sul-americanos, em Santiago do Chile, em 1948, num empate sem gols com o River Plate. Aquele torneio fora a primeira tentativa de se apontar o melhor time da América do Sul, e neste sentido, fora um precursor da atual Libertadores da América, criada em 1960.

Com Barbosa, atuavam no Expresso jogadores como Augusto, Ely, Danilo, Maneca, Ademir Menezes, Friaça e Chico, todos da seleção brasileira campeã sul-americana de 1949 e vice no Mundial de 1950. Do sul-americano, organizado pelo Colo-Colo, campeão

chileno e um dos favoritos ao troféu, por estar em casa, também participaram o River Plate, da Argentina, o maior favorito; o Nacional, do Uruguai; o Litoral, da Bolívia; Municipal, do Peru; e o Emelec, do Equador.

Em sua estreia, a 14 de fevereiro de 1948, o Vasco bateu o Litoral, da Bolívia, por 2 a 1. Nada de mais, aparentemente. Mas, depois, a equipe do técnico Flávio Costa goleou o Nacional por 4 a 1 e o Municipal por 4 a 0. Então bateu o Emelec por 3 a 1 e empatou com os donos da casa: 1 a 1 com o Colo-Colo. Como River Plate havia perdido para o Nacional por 3 a 0, chegou à partida contra o Vasco precisando ganhar para levantar a taça, ao passo que aos vascaínos bastava o empate no torneio que era em pontos corridos. De qualquer forma, o River ainda teria um jogo a cumprir, contra o Colo-Colo.

O Vasco havia sido campeão carioca de 1947, com dezessete vitórias e três empates. Fez 68 gols e sofreu 21. O River Plate, La Máquina, era o campeão argentino de 1947, com noventa gols marcados, igualando o recorde obtido pelo San Lorenzo no ano anterior. Sua grande estrela é um jovem de 21 anos, Alfredo Stéfano di Stéfano. Dono de técnica perfeita, ele é também um goleador: foi o artilheiro de 1947, com 27 gols. Di Stéfano, que iria se imortalizar no Real Madrid, já era conhecido como La Saeta Rubia (A Flecha Loura), por sua velocidade.

A decisão foi realizada no Estádio Nacional de Santiago a 14 de março, perante um público calculado em 70 mil torcedores. Foi uma grande decisão, com belas jogadas de ambos os times, boas defesas dos dois goleiros e muita tensão.

O grande desfalque do Vasco foi o artilheiro, o ídolo Ademir Menezes, que fraturara o pé direito na vitória por 4 a 1 sobre o Nacional. Além dele, não jogou o zagueiro Rafagnelli, até então titular absoluto, a quem o técnico Flávio Costa resolveu barrar por ser argentino e muito jovem. O treinador temia que seu defensor pudesse se sentir intimidado pelo estrelismo dos adversários e compatriotas. Às 18h30 no horário de Brasília, o Vasco começava a decisão vestindo camisa



O voo espetacular de Barbosa para evitar o gol. Vencê-lo era uma tarefa árdua para qualquer atacante. Foi um goleiro de imensa categoria

preta com faixa diagonal branca e calções brancos, formando com Barbosa, Augusto e Wilson; Eli, Danilo e Jorge; Djalma, Maneca, Friaça, Ismael e Chico. O River Plate usava camisa branca com faixa diagonal vermelha e calções pretos. La Máquina formava com Griseti; Vaghi e Rodríguez; Jácono, Rossi e Ramos; Reys, Moreno, Di Stéfano, Labruna e Lostau. O árbitro era o uruguaio Nobel Valentini, que marcou um pênalti contra o Vasco.

A torcida local era pró-River, mas Barbosa fez a defesa e calou o estádio. “Não foi pênalti não. Mas o que fazer contra aquele juiz? Me conscientizei de que tinha de agarrar. Então fiquei lá debaixo dos paus; o Labruna, estrela do River, na marca de cal. Ele chutou rasteiro, e eu fui lá buscar a menina”, contava Barbosa ao jornalista Geraldo Romualdo da Silva.

No segundo tempo, Chico, ponta-esquerda do Vasco, marcou um gol, aos 28 minutos, mas Valentini anulou. A partida prosseguiu, e o 0 a 0 garantiu ao Vasco o título sul-americano e ao futebol brasileiro sua primeira conquista no exterior, antes mesmo da seleção. Ao som do hino nacional brasileiro, o presidente do Chile, Gonzalez Videla, entregou o troféu ao Vasco sob os aplausos do público que lotava o estádio.

O jornalista Geraldo Romualdo da Silva, que atuou por vários anos no *Jornal dos Sports*, escreveu:

“A garotada de hoje não imagina o sucesso que o Vasco fez no Chile, em 48. O Campeonato dos Campeões foi uma ideia de sentido tão formidável, bolada em circunstâncias tão vantajosas para os clubes dele participantes e de resultados financeiros imediatos, igualmente tão pródigos para todos, que o normal, e até o óbvio, seria esperar-se do sucesso que produziu uma vida mais longa. Não foi esse o caso. Motivos que transparentemente não se justificam, mas que a razão política explica, determinando o sufocamento do torneio, matando-o no seu nascimento. A manobra foi a seguinte: destroçados na vaidade milenar pela inesperada derrota que o Vasco impôs ao River Plate, em Santiago, os argentinos, que tudo fizeram no começo para estimular a iniciativa chilena, passaram ostensivamente a sabotá-la. Simplesmente – afirmaram mais tarde os jornais de Buenos Aires – jamais nos meteremos em competições preparadas para determinados tipos de vencedores.”

Isso dito, não se meteram mesmo. Resultando daí que, ainda todo-poderosos do futebol sul-americano, terminaram por esvaziar o Campeonato, sepultando-o impunemente após sua primeira e útil experiência. No fundo da coisa, o que levou os argentinos a se sentirem tanto foi a derrota que o time do Vasco impôs ao orgulhoso

River, base de sua Seleção Nacional, um conjunto milionário, arrogante, formado por jogadores tecnicamente formidáveis, mas incapazes de entender a humildade como base moral de qualquer esporte. Aquele Vasco não podia surpreendê-los assim. Mas surpreendeu. Aquele Vasco não podia vencê-los assim, sem apelar para a violência e sem depender do apoio do juiz. Mas venceu.

E aquela conquista iria repercutir intensamente junto à imprensa local e à imprensa brasileira. “La Maquina fue Vasco” (“Máquina foi o Vasco”), estampou um jornal chileno, ao passo que o *Jornal dos Sports*, carioca, destacou “Partiram para a vitória e venceram”, ao mesmo tempo em que fazia convocação da torcida do Rio para ir ao aeroporto receber os campeões.

A festa não era exagerada, já que nunca o futebol brasileiro obtivera antes uma glória semelhante, fosse de seleção, fosse de clube.

Infelizmente, poucos dos privilegiados que assistiram às partidas daquela equipe estão ainda vivos e podem testemunhar o que representou o Expresso da Vitória nos anos 1940 e 1950. É o caso, por exemplo, de Luiz Mendes, comentarista da Rádio Globo: “A atuação dele (Barbosa, na final) foi sensacional, muito segura. Quando o Vasco precisou, principalmente no último jogo, ele fez defesas impressionantes. E olha que não era fácil segurar aqueles argentinos.”

Ainda em atividade, com mais de sessenta anos de Rádio Globo, Mendes dizia também: “Quando se tem um time de alto nível, como aquele Vasco de Ademir, Friaça, Chico, Ely e Danilo, é costume dizer que o goleiro não tem importância. É um grande erro se pensar isso do Barbosa. Ele era tão bom e importante quanto os outros jogadores.”

De acordo com aqueles que o viram atuar, Barbosa, que costumava atuar sempre com camisas pretas ou em tons escuros, era tão discreto quanto as cores de seu uniforme. Não era dado a fazer pontes ou defesas espalhafatosas, como se posasse para os fotógrafos, mas tinha um senso de colocação perfeito.

“Essa tranquilidade, essa segurança e a classe de que tanto falam me custaram muitos anos de sofrimento, na aprendizagem difícil de